

O espanhol tex-mex dos Estados Unidos

RUBÉN CANDIA-ARAIZA*

[Tradução: EVA PAULINO BUENO]

A Espanha conquistou e trouxe sua civilização ao que hoje é parte do território dos Estados Unidos muito antes que este país fosse fundado. Os espanhóis exploraram e tomaram posse da região atual dos Estados Unidos, esta parte que hoje compreende os estados da Califórnia, Arizona, Utah, Novo México, Carolina do Sul e Flórida. A Espanha possuía, então, quase a terça parte do país, mas não ocupou realmente todo o território, exceto algumas zonas costeiras no Sudeste e os estados mencionados do Sudoeste.

Quinhentos anos depois do encontro com a América e duzentos depois dos movimentos de independência, os vestígios da civilização que existiu aqui ainda continuam presentes e vivos dentro do mar da língua inglesa e da cultura estadunidense.

Além da arquitetura de um grande número de igrejas católicas e um ou outro “palácio” de governador espanhol, a presença maior do antigo império continua sendo a língua castelhana. As partes dos Estados Unidos mencionadas anteriormente ainda conservam os nomes dados pelos espanhóis. Além dos santos mais conhecidos, como

Francisco, Antônio, Bárbara, Ana, Gabriel, Felipe Neri, Fernando, etc., há outros nomes espanhóis em alguns dos lugares mais inverossímeis, como Buena Vista, na Georgia, Salina, em Kansas, e Valdez no Alasca.

Com seus trinta milhões de habitantes de origem hispana, é possível dizer que os Estados Unidos é o quarto país mundial em número de falantes de espanhol (os outros países com mais falantes da língua são o México, a Espanha e a Argentina). Entretanto, esta informação não é completamente correta, já que uma grande parte dessa população hispana estadunidense não é capaz de funcionar completamente em espanhol. Há várias razões para isso.

Para começar, há a interferência do inglês. O fato de que nos Estados Unidos a língua oficial de fato é o inglês não permite o desenvolvimento completo do castelhana. Então, em geral o inglês se converte na primeira língua por necessidade. No entanto, devido à constante imigração procedente da América Latina, há uma grande população que, sim, é falante do espanhol. Além dos imigrantes recentes, ainda existem remanescentes das ondas



* RUBÉN CANDIA-ARAIZA é Texano de El Paso, e atualmente é professor de espanhol e de Multinational Organizational Studies na St. Mary's University em San Antonio, Texas. Lecionou na Academia Militar de West Point, e na Universidade do Texas em San Antonio.

de imigrantes desde a época da Depressão e da Segunda Guerra Mundial. Em cidades como Los Angeles, San Antonio, Miami, Nova Iorque e Chicago é possível para uma pessoa que não fala inglês passar a vida inteira sem precisar aprendê-lo. Com um pouco de ajuda de vizinhos e familiares, a pessoa pode fazer compras, ir a consultas médicas, chamar um táxi, pedir entregas de compras de mercado em casa e de pizza, comprar qualquer artigo que se vende pela televisão, enfim, pode fazer tudo o que for necessário.

Para sua diversão a pessoa pode ver seu programa favorito do México, da Venezuela, de Porto Rico, do Chile, da Colômbia, da Espanha e até mesmo do Brasil. Em San Antonio, Texas, por exemplo, há quatro canais de televisão em espanhol representando cadeias nacionais: A Univisión, a Galavisión, a Telemundo e a Telefuturo. Isso faz com que a pessoa que não quer ver a programação em inglês só tenha que sintonizar uma destas quatro estações e ver tudo, desde os programas de notícias até a telenovela, sem problema algum. Obviamente, há um grande número de latinos que são genuinamente bilíngues e dominam as duas línguas sem dificuldade. Estas pessoas também podem mudar de um idioma ao outro no meio da conversa, sem perder o fio da meada.

Mas, depois de dito tudo isso, há uma grande maioria que, embora nominalmente bilíngue, na realidade fala quase que exclusivamente o inglês. Mas estas pessoas não deixam morrer o castelhano neles. Como em outros lugares do mundo onde dois idiomas se encontram, sempre há uma acomodação. Basta vermos o “portunhol” que se fala nas fronteiras entre o Brasil com o Uruguai, a Argentina e o Paraguai.

Nos Estados Unidos, o castelhano e o inglês já têm quase dois séculos de contato e neste tempo tem havido muitos empréstimos, e até “roubos” de palavras e frases como método de comunicação. No século XIX, foi o inglês que tomou emprestado, e como resultado, ganhou diversas palavras relacionadas com o trato com o gado. Por exemplo, temos em inglês “lasso” que vem do espanhol “lazo” (laço); “chaps”, que vem de “chaparreras” (sobre calças de couro usadas pelos vaqueiros); “lariat” que vem de “la reata” (chicote), “hoosegow” (pronunciado “jugao”), que significa “cárcere” e vem de “juzgado” (“julgado” em espanhol); “palaver”, que vem de “palabrear” e significa conversar. Há naturalmente muitos outros exemplos. Em alguns deles, as palavras não mudaram, não foram “anglicizadas”, como as palavras “patio” (pátio), “rodeo” (rodeio), “cimarrón” (escravo fugido). Outra palavra muito comum, que teve somente uma pequena alteração, é “barbacoa”, que em inglês é “barbeque” (churrasco).

Na segunda metade do século XX, depois da Segunda Guerra Mundial, na qual serviram nas forças armadas estadunidenses quase meio milhão de hispanos, em sua grande maioria mexicanos e mexicano-americanos, houve um grande “empurrão” para que se “americanizassem” os hispanos. Houve um grande esforço para obrigar os hispanos a falarem inglês, às vezes usando técnicas controvertidas (que existem ainda hoje), como de castigar o aluno por falar o espanhol. Os alunos de origem hispana em todo o sudoeste do país tinham que ficar de castigo na escola por uma hora depois das aulas pelo simples delito de falar sua língua materna.

Isto criou um ambiente negativo para a língua castelhana. O aluno foi obrigado a



sentir que seu idioma era uma coisa sinistra e que a língua não tinha o mesmo valor que o inglês. Muitos deles, quando tiveram seus filhos, optaram por não lhes ensinar o espanhol. Mas uma coisa que tem mais de quinhentos anos não se elimina facilmente.

Devido à falta de instrução no idioma, chegou a criar-se um novo idioma híbrido, como o já mencionado “portunhol”, que toma partes dos dois idiomas e se converteu em uma “língua franca”. Este idioma, ou “patois”, tem vários nomes, entre eles “spanglish” e “tex-mex” (de Texas-Mexican).

Em que consiste este idioma? A característica maior é a falta de vocabulário em castelhano. Por esta razão, é exatamente aí que está a maior adaptação. Por exemplo: “Quiero que vayas conmigo al ‘shopping center’” (quero que você vá comigo ao shopping). Ao ver esta oração é óbvio que o falante sabe a estrutura do castelhano porque emprega o subjuntivo sem nenhum problema. O que ele não sabe é como se diz “shopping center” – centro comercial – em espanhol.

Outro exemplo se relaciona com o vocabulário especializado. No caso apresentado, o da medicina. Um senhor falando com outro sobre sua cirurgia do coração e lhe explica o processo: “Tive um ‘heart attack’ (enfarte) no trabalho. Mandaram uma ambulância e me levaram ao ‘emergency room’ (sala de emergência), onde me fizeram ‘stabilized’ (me estabilizaram). Depois me levaram à ‘operating room’ (sala de operações), e me fizeram uma ‘surgery’ (cirurgia) para me colocar um ‘pacemaker’ (marca passo). Estou muito bem, só que tenho que ir a ‘physical therapy’ (terapia física) três vezes por semana. Já voltei ao trabalho, mas somente em ‘light duty’ (trabalhos

leves). Acho que vou estar bem ‘in the long run’ (a longo prazo).

Examinando este exemplo, se vê que somente as palavras chave estão em inglês. A maioria do discurso está em castelhano. Muitas vezes não é questão de vocabulário, mas de preguiça de buscar as palavras apropriadas. Mas este é um método muito efetivo de comunicação. No mundo do comércio e dos negócios, poderíamos presenciar este diálogo entre duas donas de casa:

- Escuta, Gladys! Você sabia que tem um ‘sale’ (liquidação) na Wall Mart?

- Não, não sabia. Preciso comprar uma ‘toaster’ (torradeira) e a Wall Mart tem boas ‘appliances’ (eletrodomésticos). Também preciso de um ‘blender’ (liquidificador) e uma ‘shower curtain’ (cortina de chuveiro).

- Vamos, então. Eu te dou uma ‘ride’ (carona) no meu ‘troca’ (caminhão, do inglês ‘truck’).

Como no caso anterior, o vocabulário é o problema principal. Curiosamente, o/a falante dá gênero às palavras, às vezes errado, aos objetos, como em espanhol. Por exemplo, uma “shower curtain” e um “blender”. Na verdade, em inglês muito poucas coisas têm gênero.

Outro “empréstimo” está na hispanização de verbos em inglês. Por exemplo, me encontrei com a mãe de uma de minhas antigas estudantes, que agora está lecionando. Tivemos o seguinte diálogo:

- Senhora Garza, que prazer revê-la! Me diga, como vai a Maricela (a filha). Faz meses que não a vejo.

- Ela está muito contente. Está “teachando” (do gerúndio inglês, “teaching,” ou lecionando).



Esta então é ainda outra adaptação que também se repete muito neste mundo de duas línguas vibrantes e cheias de vida.

Os três exemplos apresentados são unicamente parte do que ocorre diariamente em todas partes do país, já que a população hispana se esparramou até os lugares mais afastados do Arkansas, Georgia, as Carolinas, Illinois, Minnesota e Alasca. Naturalmente, quanto mais isolados estes hispanos que moram nestes estados, mais se deteriora e se contamina o seu castelhano.

Depois de algumas gerações vemos que a língua vai desaparecendo dentro de muitas famílias, relegada a ser a língua dos avós. Temos casos em que famílias com sobrenomes como Rodríguez e González não só não falam mais o espanhol como também pronunciam seus sobrenomes com sotaque inglês. Rodríguez se converte em “rah dri güEZ” e González se transforma em “gan ZA lis.” Em outro caso mais

divertido, uma família com um nome tão castelhano como Ocaña se transforma em uma família “irlandesa” com o sobrenome O’Cana (sem o ñ).

Esta pequena apresentação representa uma experiência de toda uma vida para um trabalhador que nasceu e se criou no condado de El Paso, Texas, que fica na fronteira entre o estado mexicano de Chihuahua e o estado americano de Novo México. As observações são todas de primeira mão. Com elas, tenho tentado seguir com a missão de melhorar o espanhol de meus alunos universitários na Universidade de Santa Maria, uma instituição marianista. Como professor de língua e literatura espanhola e hispano-americana, e da cultura mexicana-americana, tenho contato diário com o fenômeno linguístico “tex-mex” e tento empregá-lo como base para melhorar o castelhano de meus alunos, já que, como língua franca, é impossível eliminá-lo.